

**COMPORTAMENTOS ANSIOGÊNICOS DE
TREINADORES DE VOLEIBOL INFANTO-JUVENIL**

Juarez V. Nascimento¹, Pablo A. Borges², Grazielle B. Barbosa²,
Maickon F. W. Pereira², José C. Farias Júnior³

Resumo: As recentes alterações nas regras de voleibol, além de permitirem ao treinador maior mobilidade durante a realização dos jogos, foram suficientes para alterar as condutas assumidas pelos treinadores na relação interpessoal com os seus atletas. Nesta perspectiva, a presente investigação foi realizada com o objetivo de analisar a percepção de atletas do sexo masculino e feminino sobre os comportamentos ansiogênicos de treinadores da modalidade de voleibol, bem como o nível de associação entre os comportamentos ansiogênicos dos treinadores com a classificação final na competição. Participaram da investigação 231 jogadores de voleibol infanto-juvenil (até 17 anos) de 12 equipes masculinas (n=133) e 9 equipes femininas (n=98) que disputaram a fase final dos Jogos Abertos de Santa Catarina de 2000. O ICAT (Inventário de Comportamentos Ansiogênicos do Treinador), desenvolvido por Serpa (1995), foi utilizado na coleta de dados. Este questionário é composto de 27 questões que avaliam as dimensões de antagonismo, decisão, tensão e comunicação da díade treinador-atleta. Na análise dos dados utilizou-se medidas de tendência central e de variabilidade, bem como os recursos da estatística não-paramétrica contidos no programa Simstat versão 1.2. Os resultados evidenciaram, de forma similar entre os jogadores do sexo masculino e do sexo feminino, os valores mais elevados dos comportamentos ansiogênicos das dimensões de comunicação e de antagonismo do que das dimensões de tensão e decisão. Constatou-se também, em ambos os sexos, que os comportamentos do treinador em não dar valor aos atletas e de manifestar falta de confiança na equipe e no atleta são aqueles que mais perturbam os jogadores, enquanto que os comportamentos de inferir nas rotinas de concentração dos atletas e sorrir de modo não habitual são aqueles que menos perturbam os jogadores. No entanto, na comparação entre as equipes masculinas e femininas,

¹ Professor Adjunto do Departamento de Educação Física/ Centro de Desportos/ UFSC.

² Estudante do Curso de Educação Física/Bolsista PIBIC/CNPq/UFSC

³ Mestrando em Educação Física/Bolsista Capes/UFSC

verificou-se que as jogadoras apresentaram valores superiores aos jogadores em todas as dimensões investigadas. Além disso, encontrou-se uma baixa associação entre os comportamentos ansiogênicos dos treinadores com a classificação final na competição. As evidências encontradas fornecem informações relevantes sobre os comportamentos de treinadores, que podem auxiliar na harmonia da díade em questão bem como na melhoria da participação competitiva de atletas de equipes masculinas e equipes femininas da modalidade de voleibol, neste escalão etário.

Unitermos: *Voleibol; Comportamentos do Treinador; Comportamentos Ansiogênicos, Infante-Juvenil.*

1. Introdução

A interação treinador-atleta tem sido investigada a partir de diferentes modelos conceituais que consideram esta relação interpessoal como fator determinante da prestação esportiva dos atletas. O modelo Multidimensional de Liderança no Desporto (CHELLADURAI, 1978), Mediacional de Liderança (SMITH e SMOLL, 1989) e o Normativo de Estilos de Decisão no Treinamento (CHELLADURAI e ARNOTT, 1985) foram desenvolvidos com o objetivo de identificar e classificar os comportamentos do treinador. O Modelo Dinâmico de Treinamento, criado mais recentemente por COTÉ, TRUDEL e SALMELA (1993), constitui uma perspectiva mais abrangente e sistêmica. Contudo, suas limitações estão relacionadas fundamentalmente a possibilidade de explicar o processo de treinamento e competição somente a partir da ótica do treinador.

Apesar da reconhecida importância dos fatores emocionais na interação treinador-atleta, a maioria das investigações realizadas têm privilegiado a caracterização da intervenção do treinador, sem levar em consideração a sua repercussão emocional nos atletas. Mais especificamente, os comportamentos que, interferindo negativamente na adaptação cognitiva e emocional do atleta, necessitam ser alterados a fim de otimizar o processo de treinamento.

Ao considerar que o processo de treinamento-competição tem uma componente emocional determinante para os atores principais (treinador e atletas), as tensões emocionais vividas pelo treinador tendem a ser transmitidas aos atletas, os atletas têm a sua condição psicológica dependente da estabilidade emocional do treinador, o processo de

comunicação (verbal e não-verbal) é a via de transmissão dos estados emocionais, as estratégias de interação e de gestão utilizadas pelo treinador são modeladoras das emoções dos atletas; SERPA (1995) desenvolveu o Modelo de Comportamentos Ansiogênicos do Treinador para melhor compreender e interpretar as emoções negativas dos atletas não consideradas noutros modelos conceituais.

Este modelo propõe que o atleta interprete o comportamento do treinador, confrontando tal percepção com elementos cognitivos mediadores da sua emoção. Nesta perspectiva, quando a percepção que realiza está de acordo com a estrutura desejada ou esperada, tem lugar a adaptação do atleta à situação em que se encontra. Mas, quando tal não acontece, serão experimentados sentimentos de tensão e ansiedade, eventualmente prejudiciais ao desempenho esportivo.

O Modelo de Comportamentos Ansiogênicos do Treinador apresenta três situações desencadeadoras de reações, as quais se relacionam com características do treinador, dos atletas e do contexto.

A primeira situação prevê que o atleta, confrontado com uma situação de insegurança e instabilidade, procure no treinador referências que auxiliem tanto na sua interpretação quanto na sua percepção de competência para resolver os problemas. Caso o atleta perceba a situação como favorável, desenvolverá um comportamento adaptado. A situação desfavorável percebida dará origem a um sentimento de insegurança e, conseqüentemente, ansiedade.

A partir da história da sua relação com o treinador, a segunda situação prevê que o atleta crie expectativas sobre o comportamento deste na situação em que se encontram. Quando o comportamento do treinador é consoante com as expectativas do atleta será promovida a sua adaptação consistente com a lógica do padrão relacional. Ao surgir dissonância entre as expectativas e o comportamento real, resultará uma desestruturação cognitivo-emocional desencadeadora de sentimentos de tensão e ansiedade.

A terceira situação refere-se a reação do treinador ao comportamento do atleta. Ao manifestar um reforço negativo ou punição, o atleta avalia o ato realizado em função do seu próprio juízo sobre a justiça do comportamento punitivo. Quando a punição é considerada justa ou esperada, o atleta adapta-se à situação. No entanto, quando a punição é inesperada ou considerada injusta, ela provocará um conflito desencadeador de tensão emocional e ansiedade.

Na literatura consultada da área constata-se que o comportamento

do treinador de voleibol diferencia-se tanto em função do objetivo do treinamento (sucendo a uma vitória ou a uma derrota) quanto em função do nível de prática dos atletas (RODRIGUES, 1997). Além disso, as recentes alterações nas regras de voleibol, ao permitirem maior mobilidade do treinador durante a realização dos jogos, foram suficientes para alterar as condutas assumidas pelos treinadores na relação interpessoal com os seus atletas. Os comportamentos de culpabilizar, perseguir e ameaçar os atletas, bem como aqueles que revelam insegurança, descontrole emocional e irritação frequentemente são observados no processo de treinamento e em competições desta modalidade. Nesta perspectiva, a presente investigação foi realizada com o objetivo de analisar a percepção de atletas infanto-juvenis, do sexo masculino e do sexo feminino, sobre os comportamentos ansiogênicos de treinadores da modalidade de voleibol, bem como o nível de associação entre os comportamentos ansiogênicos dos treinadores com a classificação final na competição.

2. Metodologia

Participaram da investigação 231 jogadores de voleibol infanto-juvenil (até 17 anos) de 12 equipes masculinas (n=133) e 9 equipes femininas (n=98) que disputaram a fase final dos Joguinhos Abertos de Santa Catarina de 2000.

O ICAT (Inventário de Comportamentos Ansiogênicos do Treinador), desenvolvido por SERPA (1995), foi utilizado como instrumento psicométrico de coleta de dados. Este questionário é composto de 27 questões que avaliam numa escala do tipo Lickert de cinco pontos (Não existe, Não Perturba, Perturba pouco, Perturba bastante e Perturba muito) as dimensões de Antagonismo (comportamentos do treinador que manifestam atitudes ou opiniões de oposição e/ou desvalorizações pessoal dos atletas, de modo implícito ou explícito), Comunicação (Comportamentos do treinador inerentes ao estabelecimento da relação com o atleta, bem como ao ato ou capacidade de transmitir informação ao atleta e, também, de recolher informação deste), Decisão (Comportamentos do treinador inerentes à resolução de problemas ou respostas concretas a situações que se lhe deparam, dando ordens, concretizando iniciativas ou assumindo responsabilidades) e Tensão (Comportamentos do treinador que

exprimem as suas emoções negativas) da díade treinador-atleta.

O instrumento de medida possui elevada consistência interna (Coeficiente Alpha de Cronbach de .62, .82, .81 e .86 nas dimensões e no resultado global de .94), estabilidade dos resultados (correlações significativas e superiores a .54 em todos itens e no resultado global) e validade de conteúdo (concordância mínima de 70% entre os juizes).

Os dados foram coletados nos locais das competições durante os intervalos entre os jogos das equipes participantes bem como nos alojamentos durante os períodos livres de descanso.

Na análise dos dados utilizou-se medidas de tendência central (média, moda e mediana) e de variabilidade (desvio padrão), bem como os recursos da estatística não-paramétrica (análise de variância por postos de Kruskal-Wallis e coeficiente de correlação de Spearman) contidos no programa Simstat versão 1.2. O nível de significância de $p < 0,05$ foi adotado para identificar diferenças significativas nas variáveis do estudo.

3. Resultados e discussão

Os resultados encontrados evidenciaram, de forma similar entre os jogadores do sexo masculino e do sexo feminino, os valores mais elevados dos comportamentos ansiogênicos das dimensões de comunicação e de antagonismo do que das dimensões de tensão e decisão (Tabelas 1 e 2). No entanto, os resultados da análise de variância por postos de Kruskal-Wallis apontam diferenças significativas na comparação realizada entre as equipes masculinas e femininas, onde as jogadoras apresentaram valores superiores aos jogadores em todas as dimensões investigadas. Estes dados corroboram as evidências obtidas por SERPA (1995), de que os jogadores do sexo masculino percebem o treinador como menos ansiogênico e têm dele uma imagem ligeiramente mais positiva.

Tabela 1 - Comportamentos ansiogênicos dos treinadores de voleibol das equipes infanto-juvenil masculinas (Médias e Desvios Padrões)

Equipes	Antagonismo	Comunicação	Decisão	Tensão	Geral
01	2,12 (1,19)	2,07 (1,23)	1,59 (0,98)	2,00 (0,98)	1,96 (1,08)
02	2,50 (0,60)	2,93 (0,57)	2,17 (0,59)	1,95 (0,69)	2,43 (0,46)
03	1,21 (1,07)	1,24 (0,90)	1,00 (0,90)	1,30 (0,94)	1,18 (0,92)
04	2,60 (0,83)	2,65 (0,87)	2,19 (0,70)	2,29 (0,58)	2,46 (0,72)
05	3,20 (0,58)	3,22 (0,69)	2,87 (0,69)	3,00 (0,47)	3,11 (0,58)
06	2,54 (0,63)	2,05 (0,57)	2,42 (0,59)	2,70 (0,48)	2,42 (0,50)
07	2,62 (0,58)	2,66 (0,75)	2,27 (0,51)	2,52 (0,54)	2,52 (0,50)
08	2,15 (0,66)	2,12 (0,85)	1,87 (0,57)	1,90 (0,45)	2,03 (0,57)
09	1,52 (0,39)	1,56 (0,47)	1,85 (0,67)	2,10 (0,74)	1,71 (0,46)
10	2,20 (1,02)	2,07 (0,98)	2,06 (0,95)	1,80 (0,67)	2,07 (0,88)
11	2,70 (0,83)	2,94 (0,64)	2,68 (0,87)	2,33 (0,69)	2,69 (0,71)
12	2,31 (0,77)	2,15 (0,78)	2,16 (0,74)	2,20 (0,79)	2,22 (0,66)

Tabela 2 - Comportamentos ansiogênicos dos treinadores de voleibol das equipes infanto-juvenil femininas (Médias e Desvios Padrões)

Equipes	Antagonismo	Comunicação	Decisão	Tensão	Geral
01	2,88 (0,60)	2,97 (0,74)	2,63 (0,61)	2,79 (0,53)	2,82 (0,57)
02	1,87 (0,98)	1,92 (0,97)	1,72 (0,88)	1,91 (0,71)	1,85 (0,90)
03	2,56 (0,73)	2,56 (0,88)	2,27 (0,76)	2,38 (0,62)	2,46 (0,70)
04	3,06 (0,51)	3,33 (0,49)	2,78 (0,48)	2,93 (0,51)	3,03 (0,38)
05	2,88 (0,96)	2,57 (0,69)	2,36 (0,83)	2,00 (0,47)	2,64 (0,87)
06	2,25 (0,89)	2,20 (0,87)	2,22 (0,64)	2,70 (0,78)	2,22 (0,72)
07	2,57 (0,93)	2,75 (0,82)	2,63 (0,68)	2,65 (0,93)	2,64 (0,76)
08	3,16 (0,18)	3,45 (0,35)	2,75 (0,18)	2,84 (0,53)	3,07 (0,20)
09	3,42 (0,47)	3,47 (0,30)	2,82 (0,43)	2,94 (0,51)	3,20 (0,30)

No que diz respeito aos indicadores dos comportamentos do treinador, as Tabelas 3 e 4 apresentam, respectivamente, dados referentes aos comportamentos do treinador que mais perturbam e menos perturbam os atletas do sexo masculino e do sexo feminino.

Tabela 3 - Indicadores de comportamentos dos treinadores que mais perturbam e menos perturbam os jogadores do sexo masculino.

Indicadores de Comportamentos dos Treinadores	Média	Moda	Mediana
Mais Perturbam			
Não dar valor aos atletas	2,58	4	3
Não se preocupar com o bem estar dos atletas	2,52	4	3
Manifestar falta de confiança na equipe e/ou atletas	2,48	4	3
Tornar-se facilmente irritável	2,47	3	3
Culpar outros pelo que corre mal	2,47	3	3
Menos Perturbam			
Sorrir ou rir de modo não habitual	1,72	1	1
Ter falta de soluções	1,83	1	2
Inferir nas rotinas de concentração dos atletas	1,85	1	2
Valorizar demasiado o adversário	1,92	1	2

Constatou-se, em ambos os sexos, que os comportamentos do treinador em não dar valor aos atletas e de manifestar falta de confiança na equipe e no atleta são aqueles que mais perturbam os jogadores, enquanto que os comportamentos de interferir nas rotinas de concentração dos atletas e sorrir de modo não habitual são aqueles que menos perturbam os jogadores.

Tabela 4 - Indicadores de comportamentos dos treinadores que mais perturbam e menos perturbam os jogadores do sexo feminino.

Indicadores de Comportamentos dos Treinadores	Média	Moda	Mediana
Mais Perturbam			
Não dar valor aos atletas	3,11	4	4
Manifestar falta de confiança na equipe e/ ou atletas	3,07	4	4
Cortar ou evitar a comunicação com os atletas	3,03	4	4
Possibilidade de agredir fisicamente	3,00	3	3
Menos Perturbam			
Sorrir ou rir de modo não habitual	2,04	1	2
Tomar decisões precipitadas	2,21	2	2
Alterar constantemente as decisões que toma	2,28	2	2
Inferir nas rotinas de concentração dos atletas	2,30	2	2

De modo geral, os indicadores referentes aos comportamentos de antagonismo do treinador, que manifestam atitudes ou opiniões de oposição e/ou desvalorizações pessoal dos atletas são aqueles que mais perturbam os jogadores neste escalão etário. Por outro lado, os indicadores de comportamentos do treinador inerentes à resolução de problemas (decisão) e aqueles que exprimem as suas emoções negativas (tensão) parecem perturbar menos os jogadores investigados.

Embora se tenha encontrado correlações significativas em algumas dimensões entre as equipas femininas e na dimensão decisão entre as equipas masculinas, os coeficientes de correlação de Spearman inferiores a 0.28 revelam uma baixa associação entre os comportamentos ansiogênicos dos treinadores com a classificação final na competição (Tabela 5).

Tabela 5 – Associação entre os comportamentos ansiogênicos dos treinadores e a classificação final na competição

Equipes	Antagonismo	Comunicação	Decisão	Tensão	Geral
Masculinas	0,02360	0,04370	0,1717*	0,0686	0,04960
Femininas	0,2842*	0,2569*	0,15430	0,1641	0,2581*

4. Conclusões

Diante dos resultados obtidos neste estudo e considerando as suas limitações metodológicas, as seguintes conclusões podem ser formuladas.

Os jogadores infanto-juvenis percebem seus treinadores como pouco ansiogênicos, sendo os comportamentos de comunicação e antagonismo aqueles que os mais perturbam. Já as jogadoras infanto-juvenis apresentam maior tendência de avaliar os seus treinadores como ansiogênicos, revelando neste escalão etário valores mais elevados do que os jogadores do sexo masculino.

Os comportamentos dos treinadores que mais perturbam os jogadores infanto-juvenis são aqueles de não dar valor aos atletas e de manifestar falta de confiança na equipe e nos próprios atletas. Por outro lado, interferir nas rotinas de concentração dos atletas e sorrir de modo não habitual constituem os comportamentos dos treinadores que menos perturbam os jogadores.

Quanto a possível associação entre os comportamentos ansiogênicos dos treinadores com a classificação final na competição, os resultados obtidos revelam uma fraca relação entre estas duas variáveis, indicando que o sucesso de equipes esportivas parece ser pouco afetado pelos comportamentos ansiogênicos de treinadores que são percebidos pelos atletas.

Em síntese, as evidências encontradas nesta investigação fornecem informações relevantes sobre os comportamentos de treinadores, que podem auxiliar na harmonia da díade em questão bem como na melhoria da participação competitiva de atletas de equipes masculinas e equipes femininas da modalidade de voleibol, neste escalão etário.

Referências bibliográficas

- CHELLADURAI, P. **A contingency model of leadership in athletics.** Ontário, 1978. 250p. Tese (Doutorado). Universidade de Waterloo, Canadá.
- CHELLADURAI, P.; ARNOTT, C. Decision styles in coaching: preferences of basketball players. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, v.1, n.56, p.15-24, 1985.
- COTÉ, J.; TRUDEL, P.; SALMELA, J. A conceptual model of coaching.

- In: SERPA, S.; ALVES, J.; FERREIRA, V.; BRITO, A.P (Eds.). **Actas do 8º Congresso Mundial de Psicologia do Desporto**. Lisboa, p.201-205, 1993.
- RODRIGUES, J. **Os treinadores de sucesso; estudo da influência do objectivo dos treinos e do nível de prática dos atletas na actividade pedagógica do treinador de voleibol**. Lisboa : Edições FMH, 1997.
- SMITH, R.E.; SMOLL, F.L. Leadership behaviours in sport: a theoretical model and research paradigm. **Journal of Applied Social Psychology**, v.3, n.19, p. 1522-1551, 1989.
- SERPA, S. **A relação interpessoal na díade treinador-atleta; desenvolvimento e aplicação de um inventário de comportamentos ansiogênicos do treinador**. Lisboa, 1995. 256p. Tese (Doutorado). Universidade Técnica de Lisboa – Faculdade de Motricidade Humana, Portugal.